



FOTO: U.S. Department of Defense

O EMPREGO DE ARTILHARIA EM CONVESES EXTERNOS CONTRA AMEAÇAS ASSIMÉTRICAS

Capitão-Tenente GUILHERME HENRIQUE IOTY FARIA

Ajudante da Divisão de Operações - CAAML
Aperfeiçoado em Comunicações

INTRODUÇÃO

Os ataques terroristas às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, reforçaram a necessidade da ampliação de estudos militares para entender a ameaça da Guerra Assimétrica. Mas afinal, o que é a guerra assimétrica?

É a guerra desproporcional, a guerra do desequilíbrio de forças, ou seja, desbalanceada. Tal desequilíbrio pode ocorrer em um conflito em que haja, por exemplo, de um lado uma ampla capacidade política, econômica e militar e do outro, adversários, supostamente, com menor poderio bélico defendendo interesses étnicos religiosos ou criminais. Nesse caso, a aplicação dessa força desproporcional poderá trazer sérios efeitos colaterais para qualquer um dos lados.

Com o passar dos anos, novos conceitos e ideias sobre esse tipo de guerra vêm sendo aperfeiçoados. Começam a ser considerados outros aspectos além do desequilíbrio de poder

rio militar entre dois grupos ou Estados. Entram em perspectivas outras questões como, por exemplo, o emprego de elementos assimétricos com o objetivo de desgastar o inimigo, causando o enfraquecimento progressivo de suas forças; ou até mesmo, o emprego assimétrico de força como uma vantagem tática, a saber: uma ação inesperada não compreendida ou não percebida pelo oponente. Segundo o General de Exército Carlos Alberto Pinto Silva, em seu artigo para o blog Operações Militares (2013), entende-se que:

“Guerra assimétrica não é somente a guerra do fraco contra o forte: é a introdução de um elemento de ruptura, tecnológico, estratégico ou tático, um elemento que muda a ideia preconcebida; é a utilização de um ponto fraco do adversário. Não existe, pois, conflito armado assimétrico somente pela desigualdade entre os adversários, senão quando os adversários adotam formas de combate diferentes em sua concepção e desenvolvimento.”

Neste contexto de ameaças assimétricas, cabe destacar o caso dos navios anfíbios. As missões de um navio anfíbio, tradicionalmente, envolvem transportar tropas, peças de artilharia, viaturas anfíbias e afins. Devido a sua robustez e baixa capacidade de combate, este tipo de navio, ao longo da história, tem sido empregado junto com outros meios, que, por possuírem maior capacidade de combate, proviam sua proteção e contribuam para o cumprimento de sua missão. Com a evolução dos mísseis e foguetes tornou-se ainda mais difícil manter ou aproximar esses meios da costa sem torná-los vulneráveis a ameaças provenientes de terra.

Com o intuito de mitigar essa vulnerabilidade, algumas marinhas modernas têm buscado soluções para proteger os navios anfíbios dessas novas ameaças.

Dessa forma, este artigo se propõe a abordar o caso dos navios anfíbios, analisando suas vulnerabilidades, citando linhas de ação apontadas por marinhas modernas e, por fim, avaliando a pertinência dessas soluções para a Marinha do Brasil.

O EMPREGO DE MÍSSEIS NA GUERRA ASSIMÉTRICA

Com o desenvolvimento cada vez mais eficaz de Mísseis Superfície-Superfície (MSS) e Superfície-Ar (MSA) de pequenas dimensões e com alto grau de efetividade, o que confere facilidade no emprego por pequenas unidades, há a dificuldade crescente de aproximar e manter navios nas áreas de operação perto de costas ou ilhas. Alguns grupos terroristas, como Hezbollah e Houthi (no norte do Iêmen), têm empregado mísseis de longo alcance contra navios. Surge então um novo dilema: como aproximar um navio da costa sem que sofra um ataque assimétrico proveniente da terra ou até mesmo de pequenas embarcações?

Ainda que se mantenha o Controle de Área Marítima (CAM) e uma boa compilação do quadro tático, é difícil para uma Força Naval identificar e acompanhar, em tempo real, as movimentações de elementos com capacidade de efetuar ataques de terra com mísseis (ou outros meios) inesperados.

Dada a baixa capacidade de combate de um navio anfíbio frente às ameaças provenientes do mar ou de terra, faz-se mister pensarmos em uma forma de melhorar a defesa desses meios, sem que seja necessário o emprego contínuo

de Navios-Escortas para prover a sua proteção em Operações Militares. O emprego do Lançador Múltiplo de Foguetes (LMF) no convés desse tipo de navio pode vir a ser um recurso de dissuasão e proteção desse meio.

UMA INOVAÇÃO PARA OS NAVIOS ANFÍBIOS

No ano de 2017, na orla do pacífico, durante um exercício na operação *Dawn Blitz* 2017, a Marinha dos Estados Unidos (USN) realizou testes, a bordo do Navio Anfíbio *USS Anchorage (LPD-23)*, classe Santo Antônio, empregando peças de artilharia posicionada no convoo: as plataformas lançadoras múltiplas de foguete *High Mobility Artillery Rocket System (HIMARS)*, sistema muito similar ao ASTROS II, empregado pelo Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), atingindo alvos à distância de 70Km.

O emprego do Lançador Múltiplo de Foguetes (LMF) no convés do LPD-23, durante a operação, teve dois objetivos claros. O primeiro era apresentar ao mundo essa nova capacidade e o segundo, verificar os efeitos causados nos alvos. Ambos os objetivos foram atingidos. Restava, àquela altura, acompanhar os próximos efeitos e a utilização dessa nova “tendência” de emprego de artilharia.

A IMPORTÂNCIA DE UMA NOVA ARMA NO NAVIO ANFÍBIO

A análise realizada após os testes em *Dawn Blitz* 2017 demonstra que a capacidade de empregar uma LMF em proveito dos navios anfíbios é uma vantagem a ser explorada, em que pese uma Operação Anfíbia possuir, a bordo dos navios, peças de artilharia que serão movimentadas para terra. Tal fato não impossibilita o navio de empregar essas peças em proveito da sua própria proteção e, posteriormente, movimentá-las para terra para serem empregadas pelo Comando da Força de Desembarque.



FOTO: Lance Cpl. William Chesley

Na publicação da USNI News (2017), o Gen. Rick Uribe, Vice-Comandante da 1ª Força Expedicionária de Fuzileiros e Comandante da 1ª Brigada Expedicionária de Fuzileiros Navais em Camp Pendleton, afirma que se deve explorar esse novo recurso:

“The objective could be at sea or it could be on land.”. De acordo com o general: “So this gives us great flexibility to be able to go after whatever it is at the moment, whether it’s a surface target or land targets.”, e ainda: “On ship, we have Marines sitting below deck. They have weapons. We’ve got to think about creative ways to utilize that capability... to make sure that whatever the force is, wherever it’s going, that it’s protected and we can get to our objective area.”

Na visão do Gen. Rick Uribe, com o navio em trânsito, os Fuzileiros Navais embarcados podem ser empregados para ajudar os navios anfíbios na sua própria proteção. Por fim, o general conclui que: *“These are all concepts we are looking at”*.

CONCLUSÃO

Explorar essa capacidade, do emprego de artilharia em conveses, pode ser um novo passo para apoiar as operações que exijam que os meios navais de baixa capacidade de defesa, quando operando próximos de terra, consigam se opor às ameaças assimétricas. Além do emprego em auto defesa, as peças de artilharia instaladas nos conveses de navios de grande porte, podem contribuir para as operações Pré dia D, saturando as forças inimigas e, também, provendo apoio de fogo em profundidade. Dessa forma, evita-se que as resistências se aproximem com facilidade e rapidez da Cabeça de Praia ou da Área de Responsabilidade. Isso poderá prover duas situações. A primeira delas é a proteção da tropa no terreno e de navios de transporte que possuam baixa capacidade de combate contra alvos em terra e no mar. A segunda seria, visando ao Princípio de Guerra da Economia de Forças ou de Meios, a possibilidade da exploração de uma das características do poder naval: a flexibilidade, com o emprego judicioso de navios-escoltas em outra tarefa que não a de proteção constante dos navios anfíbios.

O Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) já utiliza o Lançador Múltiplo de Foguete (LMF) em seus planejamentos em terra. São lançados foguetes a distâncias que variam até 40 km. A empresa brasileira AVIBRAS, fabricante dos LMF ASTROS utilizados pelo CFN, apresentou resultados dos testes do primeiro míssil brasileiro de cruzeiro, o MTC-300, com alcance próximo de 300 km e precisão de 50m, proporcionado por uma navegação com a combinação de plataforma inercial e GPS. Esse emprego poderia ser uma vantagem na destruição ou neutralização de alvos fixos em terra como: radares, pontes, Estações Radiogoniométricas de Alta frequência, entre outros. Gera-se, portanto, a expectativa sobre a con-

cretização desse emprego inovador nas Operações militares envolvendo Forças Navais, buscando diminuir as implicações impostas pela Guerra Assimétrica.

Referências:

- ANCHORAGE conducts HIMARS shoot during Dawn Blitz 2017. **America's Navy**, 2017. Disponível em: <https://www.navy.mil/submit/display.asp?story_id=103003>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- AZAMBUJA, C. I. S. Guerra Assimétrica. **Alerta Total**, out. 2014. Disponível em: <<http://www.alertatotal.net/2014/10/guerra-assimetrica.html>>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- CAIAFA, R. Astros 2020 da Avibras é avaliado para compra pelo Exército Espanhol. **Tecnologia & Defesa**, set. 2018. Disponível em: <<http://tecnodefesa.com.br/astros-2020-da-avibras-e-avaliado-para-compra-pelo-exercito-espanhol/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.
- FUENTES, G. Marines fire HIMARS from ship in sea control experiment with Navy. **USNI News**, out. 2017. Disponível em: <<https://news.usni.org/2017/10/24/marines-fire-himars-ship-sea-control-experiment-navy>>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- GODOY, R. Astros 2020: Míssil de precisão entra em fase final. 2018. **Defesanet**, mar. 2018. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/bid/noticia/28806/ASTROS-2020---Missil-de-precisao-entra-em-fase-final/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.
- HIMARS MLRS test fired from US Navy LPD USS anchorage during Dawn Blitz 2017 exercise. **Navy Recognition**, out. 2017. Disponível em: <<http://www.navyrecognition.com/index.php/news/defence-news/2017/october-2017-navy-naval-forces-defense-industry-technology-maritime-security-global-news/5662-himars-mlrs-test-fired-from-us-navy-lpd-uss-anchorage-during-dawn-blitz-2017-exercise.html>>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- MHARAPARA, R.; BANGIDZA, L. B.; GWEKWERERE, S. Guerra Assimétrica: experiências, perspectivas, ideias e desafios com foco no Zimbábue. Austral: **Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v. 3, n. 5, jan./jun., p. 97-116, 2014. ISSN 2238-6262. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/austral/article/viewFile/43952/30172>>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- PADILHA, L. Programa ASTROS 2020 incrementa artilharia do Exército Brasileiro. **Defesa Aérea & Naval**, maio 2018. Disponível em: <<https://www.defesaee-reanaval.com.br/exercito/programa-astros-2020-incrementa-artilharia-do-exercito-brasileiro>>. Acesso em 03 abr. 2019.
- REZENDE, P. P. Astros 2020: poder de fogo, tecnologia e dissuasão extrarregional. **Defesanet**, set. 2018. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/30712/Exclusivo---ASTROS-2020-%E2%80%93-Poder-de-Fogo---Tecnologia-e-Dissuasao-Extrarregional/>>. Acesso em 03 abr. 2019.
- SILVA, C. A. P. Guerra Assimétrica. **Operações militares**, abr. 2013. Disponível em: <<http://operacoesmilitaresguia.blogspot.com/2013/04/guerra-assimetrica.html>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

